

Agressividade e violência: um modo de ler

Ilka Franco Ferrari

Nos usos que Freud e Lacan fizeram dos termos agressividade e violência, percebem-se preocupações com a clínica e com a civilização. Neles, a violência não chega a ter o estatuto de um conceito psicanalítico, embora seu uso em psicanálise se diferencie do uso popular. A agressividade, sim, comporta dimensão conceitual.

Trajetória freudiana

Na obra freudiana, o termo violência é utilizado no sentido comum, mas, nos seus escritos sobre a agressividade, o leitor que conhece Lacan constata o cerne do que passou a ser conhecido como violência própria da linguagem (FERRARI, 2006). É necessário ter certa disposição para efetuar a árdua tarefa de rastrear o assunto agressividade nessa obra, dadas a extensão e a sutileza dos detalhes sob os quais se apresenta. Depara-se, nessa ocupação, com a constituição do eu/não-eu, prazer/desprazer, amor/ódio, ideal do eu/eu ideal, autoerotismo, narcisismo, sadismo, masoquismo e, principalmente, com a tendência restitutória e a pulsão de morte. O mergulho nesse trabalho supõe o encontro com o mito do Pai da Horda Primitiva e exige o esforço de tornar claros os termos hostilidade, crueldade, intenção e tendência agressiva, todos eles jogando com *Eros e Thanatos*.

Para Freud, no humano, há ódio como afeto, versão originária da hostilidade, ambos presentes na base do princípio do prazer, já que expressos em intenção agressiva dirigida ao outro por meio de "olhar, ironia, insulto, chiste obscuro e até ódio declarado" (GALLO, 1991, p.64), quando este põe em perigo um prazer que não se quer dividir. Há possibilidade de crueldade, ação direta contra o outro ou contra si mesmo que obedece ao impulso de apreensão do objeto e é sustentada no egoísmo, pois se origina nas fases pré-genitais da libido, quando ainda não se formou a compaixão pelo sofrimento do outro. O sadomasoquismo a exemplifica, mostra a divisão subjetiva entre intenção destrutiva e tendência ao castigo, assim como o fracasso da compaixão social, da inibição da crueldade que deveria haver acontecido no processo de humanização, principalmente no momento privilegiado que é o da adolescência.

Ao deparar-se com a constituição de um ideal pelo eu, Freud o considerou aliado do recalque e, conseqüentemente, da civilização. Mas se pode dizer que narcisismo, masoquismo primário e repetição foram os últimos caminhos a que foi levado, em direção às formas de posicionamento humano no mundo dos ideais

sociais e dos valores elevados. Ao final de sua obra, a agressividade não se encontra sob as coordenadas da sexualidade infantil, em um egoísmo que implica nada querer saber sobre o próximo para assegurar o prazer e colocando o humano como inimigo potencial da civilização. Difere-se da ambivalência e dos ciúmes edípicos que dificultavam sua distinção do sadismo e da crueldade. Ela já não está somente no caminho da destruição, como aconteceu na ligação do masoquismo com a excitação sexual, equivalendo dor e prazer, com dominação do objeto por vias distintas às do amor cortês. A agressividade passa a ser versão de Eros, na intenção de tornar inofensiva a pulsão de morte, mas, colocada no exterior, pode ser destruição, versão da pulsão de morte, libido disposta a se misturar com a sexualidade para formar o sadismo e com a "vontade de morte sexualizada para formar o masoquismo erógeno" (GALLO, 1991, p.62).

A compulsão à repetição mostrou a Freud que a agressividade não é desintegração do ser vivo, mas forma ruidosa que ele encontra para se preservar na cultura, pois o objetivo de toda vida é a morte, e o vivo se edifica sob um fundo que supõe destruição. O masoquismo primário, mencionado em "Além do princípio do prazer", e desenvolvido no artigo "O problema econômico do masoquismo", é expressão da vida prisioneira da morte.

Se Freud acerçou-se da fenomenologia evolucionista ao tratar do assunto em sua Primeira Tópica, nela não permaneceu. A agressividade humana lhe demonstrou a herança inscrita na ordem social, herança de uma lei a que o humano se submete e faz com que ele articule proibição, hostilidade e ética. A teoria homeostática supondo o humano em obsessão para restituir o equilíbrio é inaplicável. Há a repetição da pulsão de morte, verdade impossível, em compulsão.

Norte lacaniano

De acordo com Miller (1991), Lacan, em 1948, aborda a agressividade na tentativa de construir um conceito psicanalítico para a mesma, em época que não falava de retorno a Freud, ainda que às voltas com o conceito de pulsão de morte. Considerava-o testemunho da *aporia* freudiana, aquilo que não lhe permitiu avançar. Naquela atualidade de pós-guerra, como conta Miller (1999), os "psi" se voltavam para a questão da agressividade presente no mundo. Hartmann, Lowenstein e Kriss, defensores da psicologia do eu, por exemplo, também publicaram, em 1949, "Notas sobre la teoria de la agresión". O mundo estava perplexo com os feitos de Hitler, e os europeus permaneciam muito apreensivos em relação a Stalin e àquilo que os Estados Unidos poderiam fazer para proteger a Europa, pois se conhecia o ocorrido em Hiroshima.

Textos do pós-guerra, como "Formulações sobre a causalidade psíquica" (1946), "A agressividade em psicanálise" (1948) e "Introdução teórica às funções da psicanálise em criminologia" (1950), testemunham a preocupação com os fatos da cultura considerados à luz da subjetividade da época e a tentativa lacaniana de recuperar a noção de pulsão de morte, abandonada por alguns pós-freudianos, ainda que continuassem falando de agressividade.

Em 1948, Lacan até esboçou uma clínica diferencial entre neurose e psicose, por meio da noção de intenção e tendência agressiva. Na neurose, a agressividade se apresenta mediante a intenção agressiva, que é intencional porque supõe um querer dizer, mas, paradoxalmente, uma vontade de impedir o sentido. Há intenção de significação nessa agressividade, o que a faz decifrável como um sintoma. Ela é forma de comunicação com o outro, o que levou Lacan a desenvolver a noção de reivindicação, depois transformada em demanda, ou seja, em dirigir-se ao outro pedindo algo do que se julga merecedor. A tendência agressiva é privilégio da psicose e está vinculada ao *Kakon*, a algo objetivado, algo que não conta com uma interpretação.

Lacan se permitia avançar nos estudos, considerando que Freud tentou construir uma fórmula biológica da pulsão de morte e acabou por demonstrar sua impossibilidade. Partiu da elaboração freudiana sobre o narcisismo, o que lhe favoreceu a afirmação de que a agressividade é constitutiva da primeira individuação do sujeito, conforme se observa na tese central, tese IV, apresentada em "A agressividade em psicanálise" (1948). Segundo Lacan, não há identificação sem agressividade e tampouco agressividade sem identificação. A identificação deixa na subjetividade a paranoia original, a marca da relação agressiva com o outro, e a relação com o outro é fundamentalmente agressiva, ainda que sublimada. Se a agressividade pode ser sublimada, Miller (1991, p.19) afirma que Lacan, no entanto, "nunca renunciou à idéia de que, no nível profundo, o que há é a hostilidade e não a harmonia", constatada nas formulações sobre a constituição do sujeito, sobre a castração, sobre o supereu e o Outro, Outro que quase poderia ser escrito com o "A" de agressor.

Na tentativa de resolver a *aporia* freudiana, Lacan construiu o conceito de eu como uma instância de *meconnaissance*, pois seus fundamentos são a *Verneinung* e o narcisismo, diferentemente do eu freudiano, baseado no sistema percepção-consciência e na adaptação à realidade. Afinal, para ele, o fundamento da agressividade está na identificação narcísica e na estrutura do eu. O eu lacaniano supõe um poder de ilusão, de mentira, do surgimento de outra coisa no lugar desse desconhecimento. Situada na especularidade imaginária, a agressividade é elaborada no que Lacan chamou estágio do espelho. Em sua primeira individuação,

identificação primária, surge o sujeito que se estrutura rivalizando consigo mesmo, pois constrói uma imagem que o aliena em uma organização passional a que chamará "eu". O eu surge, então, de uma tensão interna, determinando o despertar do desejo pelo objeto de desejo do outro. Aparecem a rivalidade agressiva e a tríade composta pelo próximo, o eu e o objeto.

Vinculada à estrutura do eu, a agressividade assumiu caráter permanente, fez com que o estágio do espelho constituísse a paranoia estrutural do homem e que Lacan sempre procurasse o possível elemento pacificador que permitiria aos homens a vida em sociedade. Nele situou a função sublimatória da identificação, depois deixou ao simbólico o papel de pacificar a paranoia, a agressividade imaginária, e, no "Averso da psicanálise", de 1969/1970, a pacificação se dá pela necessidade de respeitar o significante mestre. Estabelecer o simbólico como pacificador, embora o imaginário permaneça paranóico, lhe permitiu abordar o insulto ou injúria como o limite da relação simbólica com o outro. Referindo-se a Schreber, ele diz: "A injúria é a outra face, a contraparte do mundo imaginário... A injúria aniquiladora é um ponto culminante, é um dos cumes do ato da palavra" (LACAN, 1955-56/1988, p.118). No *Seminário 5* (1957-58/1999), faz questão de diferenciar a injúria da blasfêmia, própria do obsessivo. A primeira mostra a destruição do ser, e a segunda visa a rebaixar o significante supremo à categoria de objeto. Em sua formalização sobre o significante, este aparece em seu efeito de violência para o vivente, efeito mortificante, mas, principalmente, em seu efeito de vida para o falasser.

Ler o texto "A agressividade em psicanálise" supõe então considerar sua anterioridade à referência linguística de Lacan. Conforme assegura Miller (1991), após a escrita do texto "A agressividade na psicanálise" (1948), o conceito de agressividade não aparece, de forma relevante, no restante da obra de Lacan, embora ele jamais tenha abandonado a tese da dimensão imaginária da mesma.

De fato, no seminário sobre "As formações do inconsciente", Lacan enfatiza que o uso do termo agressividade estava carregado de ambiguidades e alerta que ela, provocada na relação imaginária com o outro, não podia ser confundida com a potência agressiva. Logo após, parece associar potência agressiva à violência, ao afirmar que a violência "é, certamente, o essencial na agressão, pelo menos no plano humano. Não é a palavra, inclusive, é exatamente o contrário. O que se pode produzir em uma relação inter-humana é a violência ou a palavra" (LACAN, 1957-58/1999, p.468). Nessa mesma página, faz referência à "violência propriamente dita", para distingui-la, conforme esclarece, "do uso que fazemos do termo agressividade". Esse uso se refere à organização do estágio do espelho, âmbito da rivalidade especular com o semelhante, considerando que aquilo que é

da ordem da agressividade pode chegar a ser simbolizado e captado pelo mecanismo do recalque, portanto, possível de ser interpretado. O que não sucede com a violência propriamente dita.

Lacan evita a confusão entre agressividade e destrutividade em que acreditava se haver embrenhado Freud. Aliás, é bastante comentada a diferença que ele traça entre um aniquilamento imaginário e outro simbólico, por meio das “duas mortes”, nos *Seminários* “A ética” e “A transferência”. Com ele torna-se possível dizer da violência a partir do ponto de vista da pulsão e do discurso, e pensá-la no registro simbólico é indagar sobre uma violência que está na base do laço social — sinalizada em *Totem e Tabu* — e do contrato social que se pretende universalizante.

Em suas formalizações sobre a alienação, Lacan demarca essa violência própria da linguagem sobre o vivente que, ao nascer, encontra o discurso do Outro e aliena-se nas leis dos significantes que são, sempre, do outro. Mas não deixou de lado a violência que comporta a separação do Outro, inerente ao processo de instituição subjetiva do sujeito, retirando-o da alienação significativa. Passo importante, pois, afirma Miller (1999) que na noção de separação se localiza uma das saídas de Lacan para a *aporia* freudiana sobre a pulsão de morte. Se “(...) a pulsão parcial, é fundamentalmente pulsão de morte e representa em si mesma a parte da morte no vivo sexuado” (LACAN, 1964/1988, p.195), não é estranho pensar a violência em sua possibilidade desagregadora, instituidora da subjetividade e ordenadora do laço social.

No coração da civilização

Recentemente, Miller (2005, p18) escreveu que “uma civilização” é um sistema de distribuição do gozo a partir de semblantes, uma distribuição sistematizada dos meios e maneiras de gozar. É nesse modo de gozo das coordenadas discursivas da atualidade que se torna possível, a partir do ensino de Lacan, dizer da violência como sintoma.

Por esse ângulo, ela diz da emergência da verdade que concerne ao gozo, em uma ordem instituída, manifestando aquilo que não funciona bem em tal ordem estabelecida, aquilo que impede a intenção de felicidade. Mostra que o gozo não caminha no ritmo dos significantes mestres, dos semblantes ordenadores da civilização. Nesse mundo de guerras permanentes, expressão milleriana, a civilização ordenada pelo sistema capitalista e seu mais gozar, em campo onde impera o descuido com a dimensão simbólica da vida, muito se tem importado com a contabilidade e constatação objetiva dos fatos de violência/agressividade. Há certo esquecimento de que Freud os situou no coração

da civilização e que, em suas preocupações com os momentos de guerra e paz, refletiu com Albert Einstein (FREUD, 1933-32/1974) sobre a perigosa aliança entre ciência e capital como favorecedora da violência. Einstein considerava a ciência uma novidade que acrescia perigos ainda maiores à humanidade, e ambos assinalaram o caráter inumano do mundo estruturado pela ciência e dirigido pela razão. Lacan também não se cansou de convidar a ciência ao diálogo (FERRARI, 2002), reafirmando o lugar da psicanálise no mal-estar da cultura.

Se a expressão agressividade comportava maior precisão, e a noção de violência atualmente é categoria ampla, comportando inúmeros fenômenos, o que a torna pouco precisa, nota-se que, nos estudos psicanalíticos, elas têm algo em comum: tanto uma quanto a outra supõem algo de renúncia por parte do sujeito, uma vez que ambas refletem determinado tratamento que a civilização dá ao gozo da vida, ao gozo do vivente, àquele gozo que não é causado nem pelo significante nem por um objeto qualquer.

Em determinado momento, Lacan para de usar a expressão agressividade, até diz que ela comporta muitas ambiguidades, e o uso da expressão violência é privilegiado em suas referências que abordam as conseqüências do encontro com a linguagem. É necessário, portanto, considerar os discursos que imperam em dado contexto histórico e não perder de vista as formas como os sujeitos são capazes de responder aos mesmos, já que a pulsão está presente também em momentos pacíficos.

Hebe Tizio, em conferência intitulada "El discurso analítico y su tiempo", realizada no *IV Congresso da Associação Mundial de Psicanálise*, em Comandatuba, Brasil, em agosto de 2004, lembra que a psicanálise sempre se antecipou à sua época, não por uma capacidade de adivinhação, mas porque é uma *praxis* que escuta os balbucios das mudanças nas formas atuais dos sintomas. A respeito do tema em questão, pode-se afirmar que Freud e Lacan foram bons leitores do que escutaram na cartilha da civilização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERRARI, I. F. A psicanálise no mundo da ciência. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, n.11, p.89-91, 2002.

_____. Agressividade e violência. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, n.18, p.49-62, 2006.

GALLO, H. De la agresividad a la pulsión de muerte. In: MILLER, J.-A. *et al. Agresividad y pulsión de muerte*. Medellín: Fundación Freudiana de Medellín, 1991. p.59-88.

LACAN, J. (1948) A agressividade em psicanálise. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p.104-126.

_____. (1955-56) A dissolução imaginária. In: _____. *O Seminário, livro 3: as Psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988. p.106-120.

_____. (1957-58) Los circuitos del deseo. In: _____. *El Seminario, libro 5: las formaciones del inconsciente*. Buenos Aires: Paidós, 1999. p.465-481.

_____. (1964) O sujeito e o outro. In: _____. *El Seminario, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 1988. p.193-204.

MILLER, J.-A. La agresividad en psicoanálisis de Jacques Lacan. In: MILLER J.-A. *et al. Agresividad y pulsión de muerte*. Medellín: Fundación Freudiana de Medellín, 1991. p.7-22.

_____. *La transferencia negativa*. Barcelona: ECFB, 1999.

_____. *El Otro que no existe y sus comités de ética*. Col. de Éric Laurent. Buenos Aires: Paidós, 2005.